

# 1

## GRÉCIA, SETEMBRO

A primeira vez que a vi foi numa feira da ladra em Atenas, a comprar dois cavalos mecânicos dançantes. O homem que lhos vendeu enfiava uma pilha AA de zinco de alta resistência no ventre do cavalo castanho. Mostrou-lhe que para ligar o cavalo, que, ao comprido, media dois palmos grandes, era preciso levantar a cauda. Para o desligar, puxava-se a cauda para baixo. O cavalo castanho tinha um cordel ao pescoço, e, se ela puxasse este cordel para cima e para fora, controlaria os seus movimentos.

A cauda foi levantada e o cavalo começou a dançar, com as quatro patas articuladas trotando em círculo. O homem mostrou-lhe então o cavalo branco, de crina negra e cascos alvos. Desejava ela que lhe pusesse uma AA na barriga, para também dançar? Sim, respondeu ela em inglês, mas a pronúncia era doutro lado.

Observei-a de uma banca com miniaturas de gesso das estátuas de Zeus, Atena, Poseidon, Apolo e Afrodite. Alguns destes deuses tinham sido convertidos em ímanes de frigorífico. A derradeira metamorfose.

Ela trazia um *trilby* de feltro negro. Não lhe via bem a cara porque tinha a boca e o nariz protegidos com a máscara sanitária azul que na altura era obrigatória. Acompanhava-a um homem idoso, com cerca de oitenta anos. Não reagia aos cavalos com o mesmo prazer que ela. Com o corpo ativo, alto e cheio de vida, a mulher puxava os cordéis para cima e para fora. O companheiro estava quieto, curvado e calado. Pareceu-me que os cavalos o deixavam nervoso, mas não tenho a certeza. Contemplava-os com ar sombrio, quase como se tivesse um mau pressentimento. Talvez a convencesse a desistir e a não gastar aquele dinheiro.

Quando olhei de relance para os pés da mulher, reparei nos sapatos de couro castanho cambados, com saltos altos de pele de cobra. Ela batia pancadinhas ligeiras com o dedo do pé direito, talvez dançando ao ritmo dos cavalos, que, guiados pela sua mão, trotavam juntos.

Desejei que eles me ouvissem a chamar sob o céu de Atenas.

Ela fez uma pausa para endireitar o chapéu, inclinando-o para a frente, por cima dos olhos.

Procurando com os dedos uma madeixa entalada por baixo do chapéu, olhou na minha direção — não olhou diretamente para mim, mas senti que sabia que eu estava ali. Apesar de serem onze da manhã, a atmosfera que me transmitiu naquele momento era escura e suave, como se fosse meia-noite. Um aguaceiro leve começou a cair sobre Atenas, trazendo consigo os cheiros das pedras antigas e mornas e da gasolina dos carros e *scooters*.

Ela comprou os dois cavalos, e, quando se afastou com eles, embrulhados em papel de jornal, o velho que a acompanhava deu-lhe o braço. Desapareceram na multidão. Ela parecia ter mais ou menos a minha idade — trinta e quatro — e, como eu, usava uma gabardina verde com o cinto bem apertado. Era quase idêntica à minha, mas tinha três botões dourados nos punhos. Bem se via

que queríamos as mesmas coisas. Nesse momento, com um sobressalto, ocorreu-me a ideia de que éramos a mesma pessoa. Ela era eu e eu era ela. Talvez ela fosse um pouco mais do que eu era. Senti que ela sabia que eu estava por perto e que me provocava.

Um, dois, três.

Aproximei-me da banca e pedi ao homem para ver os cavalos. Respondeu que acabara de vender os dois últimos, mas tinha outros animais mecânicos dançantes, vários cães, por exemplo.

Não, eu só estava interessada nos cavalos. Sim, retorquiu ele, mas o que mais agradava às pessoas costumava ser levantar a cauda do animal para dar início à dança, e puxá-la para baixo para parar. É mais interessante puxar uma cauda do que pressionar um botão aborrecido, salientou, é quase magia — com a cauda, podia-se ligar e desligar a magia sempre que se quisesse. Que interessava que fosse um cão, em vez de um cavalo?

O meu professor de piano, Arthur Goldstein, tinha-me explicado que o instrumento não era o piano, mas sim eu própria. Elogiava a minha afinação perfeita, o desejo e a capacidade que eu, aos seis anos, já tinha de aprender; dizia que o que me tinha ensinado não se desvaneceria do dia para a noite. Pelos vistos, eu era um milagre. Um milagre. Um milagre. Certa vez, ouvi-o comentar com um jornalista: Não, a Elsa M. Anderson não está em transe quando toca, está em fuga.

O homem perguntou-me se queria que pusesse uma pilha AAA de zinco de alta resistência num dos cães. Apontou para um animalzinho mais parecido com uma raposa, com pelagem de porcelana abundante e uma cauda encaracolada por cima do dorso.

Sim, garantiu ele, a magia ia recomeçar, só que, desta vez, com uma cauda encaracolada. Os cães eram mais pequenos do que os cavalos e cabiam na palma da mão.

Tudo indicava que o instrumento não eram os cavalos, mas sim o desejo de magia e fuga.

Que senhora tão bonita! Que faz na vida?

Respondi que era pianista.

Ah, então ela acertou, respondeu ele.

Quem é que acertou?

A senhora que comprou os cavalos. Comentou que é famosa.

Quando apertei o cinto da gabardina, para o sentir bem justo na cintura, o homem fez um ruído semelhante ao de uma bomba a explodir.

Deve deixar o seu namorado maluco, acrescentou.

Enfiei a mão no bolso e tirei a maçã que nessa manhã tinha comprado numa mercearia. Estava fresca e firme, como outra pele. Levei-a à face, que estava a arder. Depois dei-lhe uma dentada.

Veja este cão aqui, disse o homem que tinha vendido os cavalos. É um *spitz*, a raça mais antiga da Europa Central. Remonta à Idade da Pedra. Olhei para a pelagem branca de porcelana do *spitz* da Idade da Pedra e abanei a cabeça. Desculpe, minha senhora, riu-se o vendedor, os últimos dois cavalos que tinha já têm dono. A cliente reparou que a observava. O homem baixou a voz e, com um gesto, mandou-me aproximar.

Ela disse: Aquela mulher quer os cavalos, mas eu também os quero — e cheguei primeiro.

Senti que ela me tinha roubado uma coisa que me faria falta na vida. Privada de algo importante, afastei-me da banca dos animais dançantes, em direção a um carrinho de venda de pistácios. No chão, ao lado do carrinho, vi o *trilby* de feltro negro que a mulher trazia. Tinha um raminho de delicadas flores rosa-pálidas entalado na fita cinzenta. Nessa mesma manhã, quando dera um passeio, tinha visto essas flores nas encostas das colinas da Acrópole. Talvez já crescessem ali no tempo em que as carruagens que

transportavam o mármore para construir o Pártenon eram puxadas por cavalos verdadeiros.

Apanhei o chapéu e procurei a mulher e o velho, mas não os vi em lugar nenhum. O acompanhante era da mesma idade que o meu professor, Arthur Goldstein.

Nesse momento, decidi ficar com o *trilby*. Tinha sido ela a comprar os cavalos, não eu. Pareceu-me uma troca justa. Logo ali, no mercado, pus o *trilby* na cabeça, inclinando-o para cima dos olhos, como ela fizera. Outra coisa. Quando se afastara com os cavalos, ela tinha-se virado ligeiramente para observar um gato que dormia em cima de um muro baixo, perto do sítio onde eu estava.

Eu tinha adquirido o hábito de fazer listas todos os dias.

Pianos que me pertenceram

Piano de cauda Bösendorfer

Steinway

Tinha ficado por ali, sem mencionar o piano que tive na infância, mais humilde.

Pouco depois, ao verificar o meu bilhete de *ferry* para a ilha de Poros, concluí que teria duas horas livres para ocupar antes de ir para o porto de Pireu.